



Centenário de Nascimento - 1924-2024

Dom Marcos Antônio Noronha

Primeiro Bispo da Diocese de Itabira-Coronel Fabriciano





Expediente

Diocese de Itabira-Coronel Fabriciano: Edição Especial Digital
Centenário de nascimento de Dom Marcos Antônio Noronha – 1924-2024

Diretor Responsável

Dom Marco Aurélio Gubiotti

Assessor Diocesano de Comunicação e Redator colaborador

Pe. Ueliton Neves da Silva

Editor Responsável

Alan Gomes Barros

Design e Diagramação

Agência Parábola

Revisão Geral

Marciana Adelaide Ferreira

Documentos e Arquivos/Fotos

Cúria Diocesana de Itabira-Coronel Fabriciano

Cúria Diocesana de Guaxupé

Arquivo pessoal de Zélia Quintão Froes

Colaboradores

Zélia Quintão Froes

José Ivanir Américo

Otacílio Fernandes de Ávila

Marciana Adelaide Ferreira

Dom José Lanza Neto

Dom Marco Aurélio Gubiotti

Dom Odilon Guimarães Moreira

Pe. Ueliton Neves da Silva

Pe. José Augusto da Silva

É tempo de fazer Memória

Estamos no Ano Jubilar rumo aos 60 anos de nossa Diocese de Itabira-Coronel Fabriciano, que tem por padroeira Nossa Senhora da Conceição Aparecida. O Ano Jubilar nos leva a fazer memória de nossa história missionária e evangelizadora e de tantas pessoas, homens e mulheres, clérigos, religiosos e religiosas, leigos e leigas que não mediram esforços para anunciar a Boa Nova de Cristo Jesus e de ser Sal da terra e Luz do mundo. Neste bonito tempo, como igreja diocesana, celebramos o centenário do nascimento de Dom Marcos Antônio Noronha, nosso primeiro bispo. Queremos fazer memória de sua vida e de sua ação pastoral, qual luminoso testemunho a inspirar o hoje de nosso caminho missionário e evangelizador em nossa Igreja Particular. À luz do Evangelho, que nos leva a romper com a crosta do egoísmo e nos abrir a dimensão oblativa da vida feita serviço, louvemos o Deus misericordioso e rico em bondade que conduz o seu povo santo suscitando, à imagem de seu Filho muito amado, pastores segundo seu divino coração.

Na vida de Dom Marcos Noronha contemplamos sua dedicação evangelizadora e fidelidade à Igreja diante da missão de ser o primeiro bispo da Diocese de Itabira organizando-a à luz do Concílio Vaticano II. Sua vida se traduziu em alegre serviço na vivência límpida e transparente do itinerário evangélico.

Gratidão aos que colaboraram na elaboração desta revista digital, de modo especial, a Zélia Quintão Froes que abriu as portas de sua casa para me acolher, permitindo-me ter acesso ao rico acervo pessoal que conserva parte da rica história do nosso primeiro bispo (fotos, cartas, artigos, livros etc), além de partilhar sua vivência com o mesmo. Gratidão ao José Ivanir Américo, primeiro presbítero ordenado por Dom Marcos Noronha e que, mesmo tendo deixado o ministério ordenado, continua a atuar na caminhada pastoral e evangelizadora da Igreja junto com sua família. Gratidão a Dom José Lanza, bispo diocesano de Guaxupé, diocese de origem de Dom Marcos Noronha, por colaborar conosco nesta homenagem póstuma.

Peçamos ao Senhor a graça de cultivarmos com alegria a dimensão do serviço e da caridade em nosso operar missionário e evangelizador fortalecidos pelo legado e testemunho de Dom Marcos Antônio Noronha que deu os passos iniciais. E suas pegadas reforçam nosso caminhar no hoje de nossa história.

Itabira, Minas Gerais
22 de setembro de 2024



Pe. Ueliton Neves da Silva
Assessor Diocesano de Comunicação

À luz do Vaticano II, enraizados na caridade

“IN CARITATE RADICATI”

Enraizados na Caridade. Com este lema Dom Marcos Antônio Noronha se apresentou à Diocese de Itabira como seu primeiro bispo aos 29 de dezembro de 1965, dando início à construção de uma Igreja entrelaçada na caridade, à luz do Vaticano II. Dom Marcos Antônio Noronha assumiu sua missão em meio aos desafios próprios de uma Igreja nascente e não mediu esforços para que a nova Diocese pudesse caminhar na comunhão e ser sinal de unidade.

Com um sentimento de gratidão celebramos este momento, o Centenário Póstumo de seu Nascimento.

Todo o bem realizado para nossa Igreja procedeu da vontade e da ação de Deus que o enviou para Itabira. Toda a sua vida pastoral e administrativa foi voltada para a missão de acolher e servir, na caridade, a todos. Tudo o que hoje nossa Igreja é, com sua identidade eclesial de Igreja Servidora, foi possível graças ao trabalho de Dom Marcos Antônio Noronha, sua doação, seus esforços e, sobretudo, sua esperança.

Por tudo o que ele fez pela Igreja de Itabira, dai-lhe, Senhor, o descanso eterno e brilhe para ele vossa luz.

Dom Marcos Antônio Noronha, receba nossa homenagem póstuma e descanse em paz, amém!



Dom Marco Aurélio Gubiotti
Bispo Diocesano de Itabira-Coronel Fabriciano

Oração do Centenário

Deus de infinita bondade e indizível ternura,
em teu servo, Dom Marcos Antônio Noronha,
fizeste brilhar tua presença entre nós
como fonte de plena alegria no despontar de uma nova diocese.

Ao celebrarmos o centenário de seu nascimento:

Nós te bendizemos,
porque o inspiraste a guiar o teu povo
“enraizados na caridade”,
seguindo o exemplo do Filho muito amado.

Nós te agradecemos
por sua doação missionária
no trabalho evangelizador
sob o impulso do Espírito Santo,
à luz do Concílio Vaticano II.

Nós te suplicamos:
fortalece os passos da nossa Igreja Diocesana,
para que possamos,
inspirados por tão grande testemunho
e com o auxílio da Virgem Mãe Aparecida,
na caridade proclamar sempre
a alegria do Evangelho.
Amém.

Biografia Dom Marcos Antônio Noronha

1º Bispo da Diocese de Itabira-Cel. Fabriciano



Marcos Antônio Noronha nasceu no dia 18 de setembro de 1924 em Areado, interior de Minas Gerais, perto de Guaxupé, porém foi registrado somente no dia 03 de outubro de 1924, data que consta em seus documentos pessoais. Filho de Joaquim Monteiro Noronha e de Maria Laura Torraca, seu nome é em homenagem a um tio padre italiano. Embora em seu registro civil consta Antônio Marcos Noronha, pelo que dizem, confusão de seu avô, fazia questão de assinar como Marcos Antônio Noronha. Marcos Antônio Noronha foi o segundo filho do casal de professores que teve cinco filhos: Maria do Carmo, Plínio, José e Rômulo. Foi batizado pelo Pe. Antônio Henrique do Valle, aos 16 de outubro de 1924, na Igreja Matriz da Paróquia São Sebastião, em Areado, e os padrinhos foram Antônio Gomes Horta e Mariana Noronha Horta. Sua crisma foi na mesma igreja onde foi batizado aos 03 de maio de 1925 pelo bispo Dom Ranulfo da Silva Faria, e teve como padrinho José Rodrigues de Prado.



Segundo relato de Maria do Carmo Noronha, sua irmã, no ano de 2001, “na família ele foi um garoto normal como todos os outros. Cresceu no meio aos irmãos e primos. A casa de nossos avós, ao lado da Igreja matriz de Areado, era o nosso ‘ponto’ de todas as horas. O que

especialmente se acentuava no Marcos era a ‘decisão’ de ser padre que ele afirmava a cada momento. Nos nossos brinquedos gostávamos muitas vezes de reproduzir as cerimônias da Igreja. Ele, então, figurava sempre o padre. Fazíamos uma veste de jornal, espécie de túnica e ele bancava o padre com firmeza e alegria. Desde pequeno foi coroinha. Às vezes aparecia na Igreja um passarinho morto, ele o levava para fazermos o enterro. Então era aquela cerimônia no quintal da vovó. Uma vez, aos sete ou oito anos, ele desapareceu. Depois de muita busca foi encontrado na cadeia conversando com os presos. Isso se repetiu algumas vezes”.

Tendo concluído o curso primário no Grupo Escolar João Luís Alves, aos onze anos foi para o Seminário no dia 1º de fevereiro de 1936. Dois ou três anos fechado provisoriamente aquele seminário, foi Marcos com outros seminaristas de sua diocese, transferido em 1939 para o Seminário Coração Eucarístico de Jesus, em Belo Horizonte, onde concluiu o Curso de Humanidades, cursando também Filosofia e Teologia.

Nas férias, como seminarista, obrigado ao uso da batina, ainda entrava nas brincadeiras, levando sempre a sério sua vocação.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DE MINAS GERAIS
MUNICÍPIO DE AREADO
COMARCA DE AREADO
DISTRITO DE AREADO

Certidão de Nascimento

Aloyso de Oliveira
Escritor de Juro de Paz, Oficial do Registro Civil e de Posturas

CERTIFICO que sob n.º 254, a fls. 8 vº do livro n.º 22-A registro de nascimento, encontra-se o assento de Antonio Marcos nascido aos 3 de outubro às 15 horas e minutos, em domicilio nesta cidade do sexo masculino, de cor branca, filho de Joaquim Monteiro Noronha, profissão professor e de Dona Maria Laura Torraca, profissão não consta, nascidos legalmente sendo avós paternos Antonio Raimundo da Silva e Dona Maria Noronha e maternos Antonio Leonardo Torraca e Dona Maria Torraca, perante o proprio pai e testemunhas Isaac Alves Ferreira e Affonso Leonardo Torraca. Data do registro 18 de outubro de 1924. Observações: Vale a anotação "Affonso Leonardo Torraca".

O referido é verdade e dou fé.

Areado, 8 de julho (7) - de 1975

FIRMA
TAR. P. Oficial do Registro Civil

Das mãos de Dom Antônio dos Santos Cabral recebeu a Primeira Tonsura no dia 04 de dezembro de 1944; as ordens menores de estíário e leitor em 06 de abril de 1945; de exorcista e acólito, em dezembro do mesmo ano. Dom Hugo Bressane de Araújo, Bispo de Guaxupé, conferiu-lhe o subdiaconato no dia 08 de dezembro de 1945 e o diaconato em 15 do mesmo mês e ano; o Presbiterato a 07 de dezembro de 1947.

Sua irmã, à época de seu relato, disse lembrar-se ligeiramente da velha Catedral de Guaxupé. Era bem majestosa e bonita. Foi demolida e a nova Catedral, em 1947, estava em fase de acabamento. Assim, a cerimônia de ordenação presbiteral do Diác. Marcos Noronha aconteceu na Cripta da Catedral por Dom Hugo Bressane de Araújo, Bispo de Guaxupé. No dia seguinte à ordenação presbiteral, Pe. Marcos Noronha presidiu sua primeira Missa em Areado, MG, sua terra, que contou com a presença do pároco na época, Padre José Matias. A procissão para a primeira missa saiu da Casa Paroquial até a Igreja Matriz. Segundo sua irmã, tudo dentro de grande beleza e simplicidade.

Passada a Ordenação, disse Maria do Carmo “participamos com alegria das primeiras celebrações dele, diariamente. Logo a seguir foi enviado a Santo Tomás de Aquino, paróquia do antigo pároco de Areado, Padre Antônio Henriques do Vale que nos batizou a todos e nos acompanhou até 1942. Ele, na ocasião, estava muito doente e, então, o Senhor Bispo propôs ao Marcos que lhe fizesse companhia... Suas homilias eram realmente instrução e vivência para o povo.”

Em Guaxupé, trabalhou por largos anos, dentro do ministério sacerdotal e como professor. O jovem sacerdote foi logo nomeado professor do Seminário de Guaxupé, reaberto por Dom Hugo.

Em 1950, Pe. Marcos Noronha recebeu o título de Cônego Honorário, passando a participar do Cabido Diocesano, sendo ao mesmo tempo nomeado Chanceler do Bispado. Neste mesmo ano, aos 02 de fevereiro, foi nomeado por Dom Hugo Bressane de Araújo vice-reitor do Seminário Menor de Nossa Senhora das Dores, em Guaxupé. À época Pe. Marcos Noronha disse à sua irmã Maria do Carmo que gostava muito da situação atual, como secretário, porque tinha bastante tempo para



estudar. Umás cinco horas no dia. Os cadernos dele, segundo a irmã, mostram as anotações de estudo, o plano de pregação etc. Ela disse se lembrar das conversas acerca dos autores que ele estudava. Nos cadernos encontra-se entre outros, Sertillanges, Ives Congar, Merch, Lubac, Charles Journet etc.

No ano de 1951, Dom Frei João Inácio Dal Monte, Bispo de Guaxupé, nomeou-o seu Vigário Geral. Neste período era também Capelão do Colégio Imaculada Conceição e responsável pela parte de cultura religiosa. Trabalhou ainda como animador dos grupos de jovens da Ação Católica. Com o falecimento de Dom Inácio, a 29 de maio de 1963, Pe. Marcos Noronha foi eleito Vigário Capitular até a posse de Dom José Batista de Almeida, em 1964. Posteriormente, o novo Bispo de Guaxupé confirmou-o como seu Vigário Geral.

Em 1952, foi constituído Cônego Catedrático do Cabido e em 21 de março de 1957, foi provisionado Pró-Cura da Catedral Diocesana, em Guaxupé, e sua posse celebrada aos 28 de julho do mesmo ano. Segundo Maria do Carmo, nas páginas extraídas dos cadernos em que ele anotava as próprias reflexões e planos, se pode ver que a preocupação central continuou a mesma: dar ao povo uma verdadeira formação cristã, sem esquecer o empenho no próprio crescimento pessoal. “No cuidado da Paróquia, lembro-me especialmente das saídas diárias para visita aos doentes e depois de um tempo de trabalho a pé, ganhou do povo uma lambreta e nela corria por todos os lados.”

De acordo com o relato de Maria do Carmo, Pe. Marcos Noronha: dedicava-se, especialmente à catequese, à formação cristã do povo. Em matéria de construção, todos em Guaxupé se lembram da luta pela colocação da mesa do altar e do Cristo da Catedral que ainda hoje lá estão; lutou também pela construção da Casa da Criança.



Segundo o testemunho de um amigo e companheiro, Padre Cássio, “Pe. Marcos foi sempre amigo e conselheiro do Clero. Todos o procuravam. Ele foi realmente um elo de união entre os padres.”

Ao pesquisar suas anotações, encontramos a vibração e os comentários do Pe. Marcos Noronha desde o primeiro anúncio do Concílio, refletindo até sobre o atraso com que ele veio, passando, então, a aplicar imediatamente, com o povo, todas as orientações do Concílio. (L. de Tombo pág. 50) (cad. 62 e 63).

Segundo o testemunho de duas grandes amigas e colaboradoras do Pe. Marcos Noronha, Maria dos Reis e Regina Magalhães, o Concílio veio ratificar o que ele já vivia e pregava nos contatos com o povo.

Nas suas anotações, encontramos a grande sensibilidade do Pe. Marcos Noronha no relacionamento com os paroquianos, lembrando-se de quanto ele sofria ao lado do povo. Cito ainda uma palavra delas sobre um Sermão do Encontro em que ele dizia: “Infeliz da cidade que não tem emprego para o seu povo: Infeliz da cidade que doa uma cesta de Natal porque o povo não teve emprego!” Elas se lembram ainda de que, entre outras atividades, ele deu início aos trabalhos de desdobramento da Paróquia de Nossa Senhora das Dores para criar a de São José Operário onde ele sonhava trabalhar como pároco, mais próximo do povo operário.

Por volta do ano 1964, Pe. Marcos Noronha participou ativamente do planejamento e fundação da faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Guaxupé, hoje em pleno progresso.

Segundo testemunho de Maria do Carmo, algumas características marcantes na vida do Pe. Marcos Noronha: O estudo a que se dedicou intensamente, sem descanso; O respeito ao outro que mostrava na disponibilidade com que ouvia as pessoas e no cuidado com que se preparava para cada missa, pregação, reunião ou qualquer outro contato com pessoas, com o povo; O amor à Igreja. Considero esse um traço que dominou a vida dele até o fim. Ele estudava a Igreja, amava a Igreja, vivia a Igreja intensamente e, ultimamente, sofria com a Igreja até o último instante de vida; Sempre senti nele um homem de muita fé.

No dia 07 de junho de 1965, aos 40 anos de idade, o Papa Paulo VI nomeou o Pe. Marcos Antônio Noronha como primeiro Bispo da Diocese de Itabira, que foi criada em 14 de junho do mesmo ano. Sua ordenação episcopal aconteceu no dia 24 de agosto de 1965 na Catedral Nossa Senhora das Dores, em Guaxupé e sua posse canônica se deu somente em 29 de dezembro do mesmo ano, na Igreja Nossa Senhora do Rosário, em Itabira, presidida pelo Núncio Apostólico, Dom Sebastião Baggio. Seu lema “IN CARITATE RADICATI” - ENRAIZADOS NA CARIDADE. Neste mesmo dia foi instalada a Diocese de Itabira.

Na Diocese de Itabira, Dom Marcos Noronha desencadeia um forte processo de reflexão sobre a Igreja de Cristo, a realidade da região e a missão da nossa Igreja Particular, convocando todo o povo a participar do processo. Sua ação não se restringiu à área da Diocese. Em junho de 1968, por exemplo, compareceu à Assembleia Legislativa do Estado, e aí defendeu a união de esforços em favor do desenvolvimento integrado do vale do Rio Doce. A certa altura, alertou para a grande distorção existente: de um lado o complexo mineral, com toda a sua pujança; e do outro, o abandono (acelerado) das áreas rurais.

Dom Marcos desenvolveu um trabalho muito importante na renovação da Igreja de acordo com as decisões do Concílio Vaticano II e de Medellín.

Os primeiros sacerdotes ordenados por Dom Marcos Antônio Noronha na Diocese de Itabira foram os Padres José Ivanir Américo e José Miranda. Pe. José Ivanir Américo foi ordenado em 1966 e deixou o exercício do ministério sacerdotal no ano de 1983. Pe. José Miranda foi ordenado presbítero aos 16 de abril de 1967 e faleceu no dia 28 de maio de 2006.





Nº 3976

O SANTO PADRE PAULO VI, g. r.,

dignou-se benignamente designar o Reverendíssimo MONSENHOR MARCOS ANTONIO NORONHA, até o presente momento Vigário Geral de Guaxupé, Bispo da Diocese de ITABIRA, de nova ereção, sufragânea da Arquidiocese de Mariana.

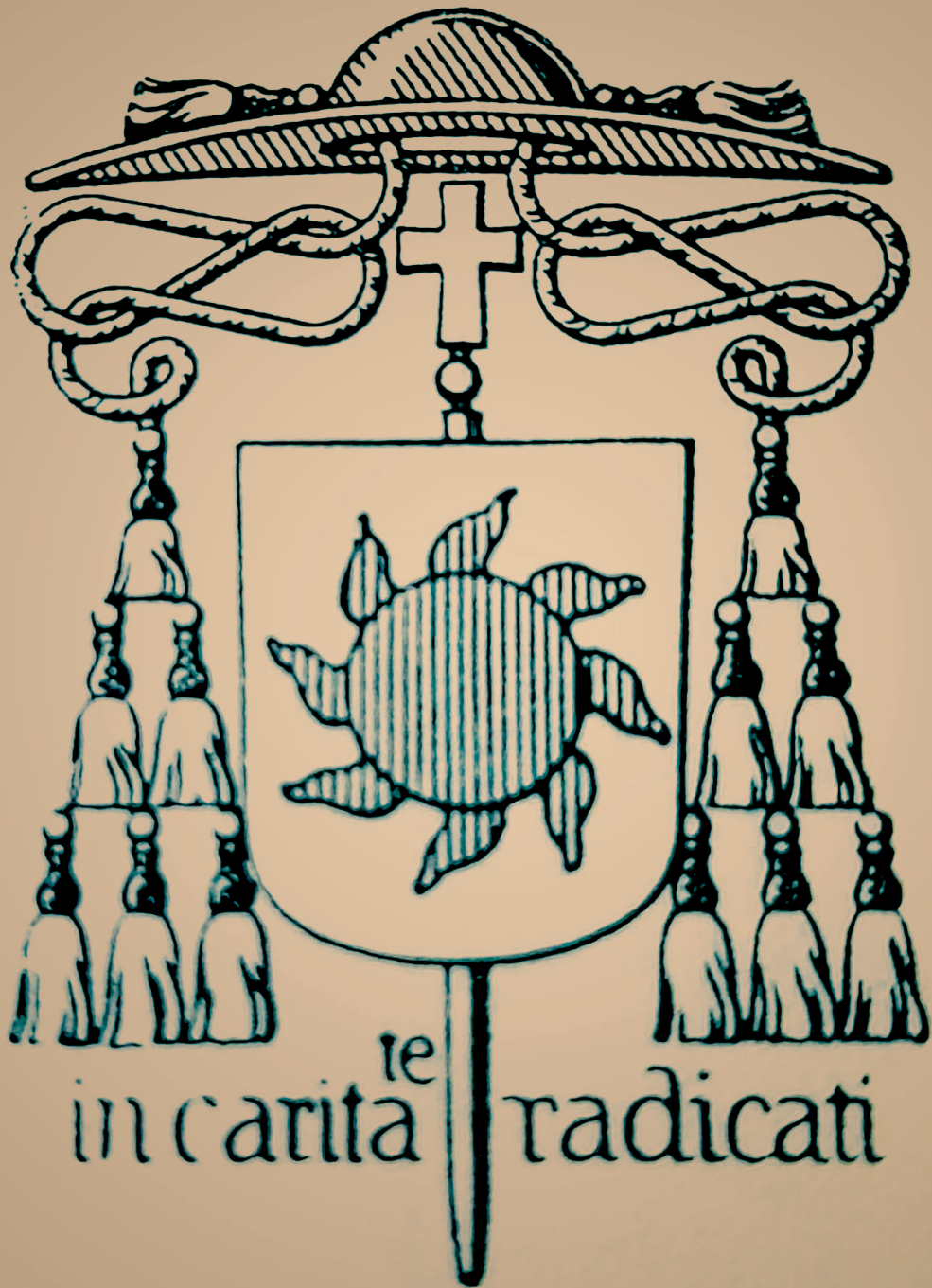
As notícias da ereção da nova Diocese, bem como da presente nomeação, serão publicadas no "OSSERVATORE ROMANO" no dia 16 do mês em curso. Até aquela data deverão permanecer secretas.

Disto se dá ciência ao Reverendíssimo Monse-nhor Marcos Antonio Noronha, para seu oportuno conhecimento e norma.

RIO DE JANEIRO, 9 de julho de 1965

Arcebispo tit. de Éfeso
Núncio Apostólico no Brasil

Ao Revmo. Sr.
Monsenhor Marcos Antonio Noronha
DD. Vigário Geral da Diocese de
Guaxupé - MG



in caritate radicati

Pós-renúncia

Dom Marcos Noronha renunciou ao episcopado e ao governo da Diocese de Itabira aos 02 de novembro de 1970. Assumiu interinamente o governo da Diocese até a nomeação do novo bispo, o Pe. Antônio Sebastião Ferreira de Barros, vigário em São Domingos do Prata. Voltou para Guaxupé, onde se envolveu, junto a conterrâneos e amigos, na luta pela criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da cidade. Em 1971, foi professor na Faculdade de Ciências e Letras e em 1973 passou a ser o diretor da mesma. Depois de algum tempo, mudou-se para São Paulo. Trabalhou na FEPASA, assumindo seu Departamento de Comunicação e Cultura. Em 1975, em uma passagem por Belo Horizonte, encontrou Zélia Froes, pouco tempo depois começaram a namorar e no dia 20 de dezembro de 1976, se casaram no civil, numa cerimônia intimista, na casa dos pais da noiva. Após o casamento, resolveu deixar São Paulo e se mudar para Belo Horizonte, pensando que seria melhor evitar a mudança de Zélia para São Paulo, onde ficaria longe da sua família. De 1976 em diante, ocupou várias funções importantes na área da educação e da ação comunitária na Secretaria da Educação, na Secretaria do Planejamento do Estado de Minas Gerais e na Fundação João Pinheiro. Ao lado do trabalho profissional, continuou participando de vários grupos de reflexão sobre educação, cidadania e religião.

Marcos Noronha manteve a amizade e vínculos com muitos bispos e padres e os estimava muito. Sempre diminuía a distância escrevendo inúmeras cartas. Era muito amigo e próximo de Dom Lélis Lara e em 22 de outubro de 1996, pouco tempo antes de sua morte, teve a alegria de participar das comemorações dos 75 anos de Dom Mário Teixeira Gurgel.

Marcos Noronha faleceu na madrugada de 16 de fevereiro de 1998, no Hospital Madre Teresa, em Belo Horizonte, com 73 anos. Seu velório foi realizado na Igreja São José Operário, em Guaxupé, que costumava frequentar quando ia à cidade. A missa exequial, presidida por Dom Lélis Lara, foi concelebrada pelo bispo diocesano de Guaxupé, Dom José Geraldo Oliveira do Valle, e por Dom Hermínio Malzone Hugo, vindo especialmente do Rio de Janeiro para a cerimônia. De 1998 a 2005 seu corpo repousou no cemitério em Guaxupé. No 40º aniversário de instalação da Diocese de Itabira-Coronel Fabriciano aos 29 de dezembro de 2005, a pedido de Dom Odilon Guimarães Moreira, teve seus restos mortais trasladados para a cripta da Catedral Diocesana Nossa Senhora do Rosário, em Itabira.

Pe. Ueliton Neves da Silva Assessor Diocesano de Comunicação



“Senhor, eu quero paz, não quero morrer lutando, a não ser contra o erro, o mal e tudo, principalmente o antipovo, quero morrer encarando essa luta contra tudo o que é contra o povo, tudo o que é de casta, tudo que significa ‘eterna-meia-dúzia’.

Senhor, preciso de paz, preciso de paciência, de misericórdia e de silêncio interior, o silêncio de ofensa esquecida, preciso de rir antes de gritar e só gritar se for de susto, preciso muito”.

(Marcos A. Noronha, 06 de fevereiro de 1995)

Pronunciamento de Dom Marcos Antônio Nôronha no dia da sua Sagração Episcopal

Para servir à Santa Igreja de Deus, em Itabira, recebi hoje, na Catedral de Nossa Senhora das Dores, em Guaxupé, a sagração episcopal. As mãos do Pai e amigo, o Exmo. e Revmo. Senhor Dom José de Almeida Batista Pereira, juntamente com as dos Exmos. e Revmos. Senhores Dom Hermínio Malzone Hugo e Dom Gerardo Ferreira Reis, pousaram, pesadas de séculos, sobre a cabeça de seu padre, comunicando-lhe a plenitude do sacerdócio e a sucessão dos Apóstolos. Presentes também e concelebrando, os Exmos. e Revmos. Senhores Dom Cristiano de Araújo Pena, Dom Tomaz Vaquero, Dom Othon Motta e Dom David Picão. O Clero da Diocese, colegas e amigos de outras Dioceses e os fiéis, meus paroquianos (a quem levarei para sempre no coração) rezaram comigo e por mim, invocando a proteção dos santos do céu, como segurança para meus fracos ombros. Presente também, no coração, todo o povo da Diocese de Itabira, a ser instalada logo após o término do Concílio Ecumênico Vaticano II e para a qual o Santo Padre, o Papa Paulo VI se dignou a escolher-me. Nem um instante me deleitei no pensamento da honra imensa de ser amanhã o Pastor da Igreja de Itabira. Mas, nem um só instante me sai do pensamento a ideia de serviço da S. Igreja, lá onde a Igreja me colocou.

Com este pensamento de serviço, as resoluções deste grande dia são muito singelas e realistas. Não tenho a pretensão de resolver os problemas do rebanho. Prometo assumir, tanto quanto possível, as dimensões de seus ideais e de suas lutas. Prometo participar, o mais que possa, de suas alegrias e de suas tristezas. Quero andar na caravana do povo de Deus onde ele estiver.

Escolhi este lema: “IN CARITATE RADICATI”, enraizados na Caridade. Está na carta de S. Paulo aos Efésios, cap, 5, v. 17.

Eu quis dizer a mim mesmo que é inútil tudo aquilo que não estiver fortemente enraizado no Amor de Deus, manifestado no Cristo Jesus, assim como é inútil plantar sem confiar ao solo a fecundação, sem colocar as raízes no coração da terra.

Quis dizer a mim mesmo que acaba morrendo o que a gente fizer por egoísmo e que permanece tudo aquilo que tiver uma vontade boa enraizada no eterno. (Não morreu, em nossa vida, tudo o que não estava no Amor? Não morreu, apesar do brilho, da técnica e do entusiasmo?)

Quis dizer que tudo é bom, mesmo o humano e o [...], pois estão enraizados em Deus e serão por ele glorificados. Nenhum valor da criação pode ser desprezado, [...] injúria ao Criador. Foi Ele quem plantou o divino no humano, o humano no cósmico, com aquela hierarquia de valores que Ele quer respeitada.

Quis dizer que, em tudo, devo pôr a Caridade em primeiro lugar. Onde ela domina, tudo acaba por ficar em lugar exato, depois de paciente espera. Ferí-la, onde quer que seja, é ferir Deus, mesmo fora daquela área demarcada pelo constitucional. Toda organização, necessária e amada, deve servir ao Amor, pois só ele dá sentido e valor aos demais. Há uma área, conhecida só de Deus, onde o Amor pode dar as explicações finais.

Eu quis dizer a mim mesmo, como programa de vida com o desejo ardente, uma lembrança perene de todo aquele realismo do Apóstolo, em 1Cor XII, 1 e seguir: “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade... Ainda que eu tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e tivesse toda a fé, até ao ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, não sou nada. E ainda que distribuísse todos os meus bens no sustento dos pobres e entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade...”

Porque fui escolhido para servir à Igreja de Deus, em Itabira, vou a Roma, nesta hora feliz do término do Concílio Ecumênico Vaticano II. Não poderia haver melhor circunstância para chegar à Diocese que vindo da Fonte... da pulsação da Igreja inteira no lado de Pedro, em colegiada. Vir do centro geográfico de onde Pedro governa e ama... Trazer a constatação do esforço de caminhada da edificação dos Pastores do mundo e sua luta humilde de renovação. Tudo isto significa ir à grei, com dimensões que eu não tenho. Com os olhos da Igreja, vendo tudo por ele. Com o coração da Igreja, sentindo por ele, nesta hora de madrugada para as dimensões comunitárias, nesta hora de primavera nova tão cheia de esperanças.

Feliz de mim, se eu pudesse levar tudo aquilo que meu coração deseja! Feliz de mim, se pudesse dar, nos meus passos humildes, uma ideia longínqua do que é o Reino de Deus! Se pudesse chegar, levando aquilo em que o Cristo pensou quando ordenou que os Apóstolos fossem ensinar! Se transmitisse humildemente, para lá o esplendor do Reino, sua beleza externa, o cerne que os olhos deste século começam a descobrir: a Igreja humilde, a Igreja pobre, muito mais do que mostram as roupas; a Igreja padecente que grita de angústia pela rudeza da caminhada; a Igreja que apesar de todas as nossas fraquezas, é a caravana fiel do povo de Deus, o mesmo povo de Israel! Se eu pudesse traduzir com meus passos, mais que na voz, por causa do ritmo, sintonia, o rumo de nossa santa Mãe! É esse meu desejo ardente, ao agradecer a Deus a honra imensa de participar do Concílio: viver o hoje da velha e eterna mensagem. Pedir a Deus humildemente a graça de ver a Igreja amanhecendo a cada dia. Face eterna, com o homem que ela deve levar.

Por tudo isto, vou a Roma, levando no coração... todos os fiéis a quem vou pertencer. PARA DEPOIS VER A FACE... E, quando chegar o dia do encontro, verei então a face de todos, conhecerei os seus nomes, sentirei os seus problemas e seremos, tenho certeza, muito amigos. Vivemos juntos na mútua estima, no mútuo perdão, na ajuda que os peregrinos se dão procurando caminhar unidos para a Casa do Pai, enraizados na Caridade.

Guaxupé, 24 de agosto de 1965.

† Marcos Antônio Noronha - Bispo de Itabira



Divina Alvorada

Hino de recepção a Dom Marcos em Itabira

Alvorada no céu da cidade,
Que se envolve no claro da luz,
Preludia o fulgor de uma data
Entre os braços do amor de Jesus.
Realidade querida e sonhada,
Nossa terra em bispado é sagrada!

Corações enlevados de júbilo,
De alegria vibrante e sem par,
Cantaremos na glória da prece
A grandeza da vida exemplar.
E no altar desse templo sem véu,
Branças asas se encontram no céu.

Deus eterno, infinito esplendor,
Abençoe nosso amado Pastor.
Mais se expande o universo em beleza,
Neste azul de esperança e de lida,
Mais se encontra o mistério divino
Na imortal contingência da vida.
E no espinho da cruz que redime,
Alvorece o Evangelho sublime!

Recebemos de braços abertos,
Como filhos que o amor pressentira,
Nosso Bispo, sagrado em Dom Marcos
O primeiro Pastor de Itabira.
Nossas almas fiéis entregamos,
Entre as bênçãos do anel que beijamos.

Deus eterno, infinito esplendor,
Abençoe nosso amado Pastor.

Letra: Amarílio Reis (Riomar)
Música: Antônio Lisboa Ferreira

Itabira, 07 de Setembro de 1965.



Uma nova Diocese surge em Minas

E stávamos no ano de 1964. Havia uma expectativa de mudanças e renovação na Igreja. No Seminário Maior de Mariana as notícias do Vaticano II chegavam quentes. No Brasil, a ditadura militar se fazia presente com repressão, perseguição de alguns bispos, padres e leigos mais avançados e atualizados que apoiavam os movimentos da Ação Católica como a Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Universitária Católica (JUC), dentre outros.

Circulavam, no Seminário, livros e mais livros, revistas e documentários com notícias do que se passava nas sessões conciliares. Os bispos e padres, quando voltavam da primeira etapa do Concílio Ecumênico, vinham nos falar sobre suas atuações e da participação de alguns bispos de determinados países e sobre os bispos brasileiros que se sobressaíram nesse evento. Vibrávamos com as notícias e sonhávamos com uma Igreja renovada. No Seminário, as reivindicações dos seminaristas eram inúmeras, pois almejavam uma igreja mais viva e atuante. Algumas renovações começavam a se esboçar. Aquelas mais simples, que já haviam sido questionadas há mais tempo vinham com mais rapidez, como reformas no currículo, na liturgia, a abolição do uso contínuo da batina no dia a dia do seminário, com uso só nas celebrações litúrgicas, etc.

Um grupo de seminaristas da região de Itabira, Ipatinga, João Monlevade, São Domingos do Prata, Dionísio e Coronel Fabriciano estavam antenados e discutiam sobre a possibilidade de uma diocese ser implantada na região. Os comentários cresciam e nós vibrávamos com essa possibilidade.

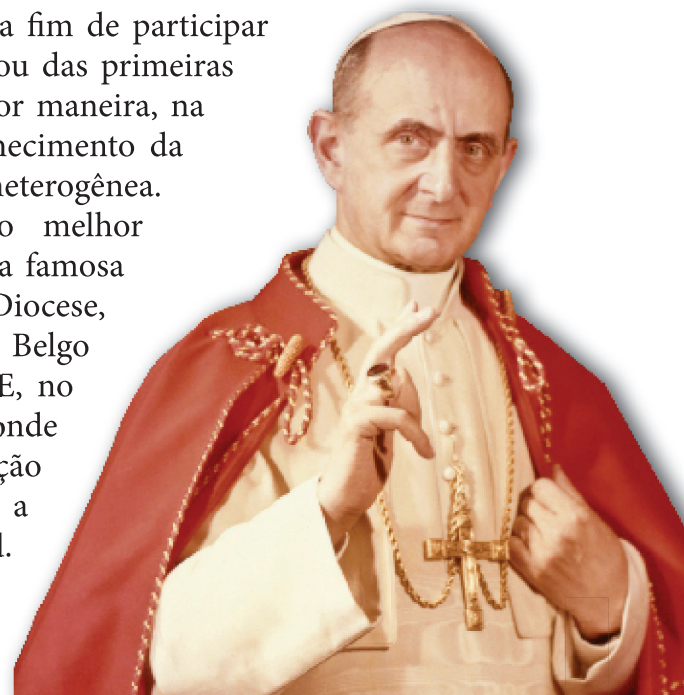
A Arquidiocese de Mariana estava muito extensa, e pensava-se em desmembrá-la. Logo depois, em 1965, foi criada a Diocese de Itabira, na região do Vale do Aço. E quem seria o primeiro bispo? A expectativa era muito grande. Viria um bispo transferido ou seria nomeado um novo bispo?

Meses depois, sua Santidade, o Papa Paulo VI nomeou para primeiro bispo de Itabira um Padre do Sul de Minas, da Diocese de Guaxupé, padre Marcos Antônio Noronha. A notícia foi recebida com entusiasmo e alegria. Fomos informados de que o padre era muito querido em sua diocese.

Foi marcado o dia da sua Sagração Episcopal. Os teólogos e filósofos residentes na região do Vale do Aço que estudavam no Seminário Maior de Mariana foram ao Palácio Arquiepiscopal, pedir ao Sr. Arcebispo Dom Oscar que permitisse que os seminaristas da região da Diocese de Itabira participassem do importante evento. Principalmente o Diácono Cícero e os seminaristas José Ivanir e José Miranda, que seriam os primeiros padres da Nova Diocese ordenados por Dom Marcos Noronha. Todos foram liberados para participarem da Sagração. Foi uma alegria muito grande conhecer o novo Bispo. Todos nós ficamos encantados com o jeito com que ele nos acolheu. A cerimônia da sagração foi belíssima!

O que mais nos chamou a atenção foi um jogral intitulado: “Aclamação ao Bispo”. A catedral estava superlotada, e todos participaram com efusividade.

Dom Marcos, depois de sagrado, partiu para Roma a fim de participar da última sessão do Concílio Ecumênico. Não participou das primeiras sessões. Assimilou tudo, pensando em aplicar, da melhor maneira, na nova Diocese. Antes de tomar posse, ele já tinha conhecimento da realidade da região, marcada pelo ferro e aço, muito heterogênea. Diocese operária, caracterizada pela exploração do melhor minério de ferro do mundo por uma grande empresa, a famosa Companhia Vale do Rio Doce, em Itabira. No centro da Diocese, João Monlevade, cidade marcada pela Companhia Belgo Mineira, empresa responsável pela fundição do ferro. E, no outro extremo da Diocese, Ipatinga, Timóteo e Acesita, onde grandes empresas surgiam, a pleno vapor, com a fundição de aços especiais. Em contraste com essa realidade, a Diocese era marcada pelos problemas de uma região rural. Uma das grandes preocupações para a igreja local era



o ÊXODO RURAL. No entanto, Dom Marcos não se intimidava com estes desafios. Estava contando com o clero, na sua maioria jovem, aproximadamente 20 seminaristas que cursavam Filosofia e Teologia, e outros no Seminário Menor.

Logo depois da posse, no ano de 1965, ele começou a visitar toda a diocese, reunindo-se em cada região, intituladas Zonal I, em Itabira; Zonal II, em João Monlevade; e Zonal III, em Coronel Fabriciano. Mais tarde, essas regiões foram denominadas Vicariatos I, II e III.

A Diocese era visitada constantemente por bispos, padres, irmãs, especialistas em Teologia, Pastoral e atualização Conciliar, os quais foram convidados para ministrar cursos para atualização dos padres, freiras e para o laicato. Foi um novo Pentecostes. Todos falavam a mesma língua: o amor. Em toda a Diocese, começamos a fazer reflexões em grupos. Foram criados círculos bíblicos que se tornaram um marco nesse novo tempo. Esses grupos deixaram saudade. Foram mesmo, como disse mais tarde o Papa Francisco: “Uma Igreja de Saída, Uma Igreja Missionária”.

Dom Marcos, muitas vezes, reunia-se com outros grupos em casas de sapé, ou casebres bem simples. Grupinhos sob a liderança do Sr. Antônio Pascoal, do Sr. Manoel Rosa, do Sr. José Gomes e do Sr. Nefi. Ao final da reflexão, em meio àquele povo humilde, sem muito aparato, em uma mesinha simples, realizava-se a Eucaristia, à luz de lamparina. Quantas vezes, juntos, concelebramos! Era gostoso ouvir os comentários do povo após a leitura da Bíblia. D. Marcos ouvia tudo com paciência e sem pressa. Ele apreciava a sabedoria popular, era um carisma seu. Era uma Igreja Nova que nascia. Ele realizava as celebrações com a roupa que estava no momento. Um dia, faltou vinho e a hóstia. O que ele fez? Realizou a liturgia da Palavra. Ia parar por aí, mas o senhor Antônio pascoal sugeriu: “Eu tenho um resto de vinho que sobrou de uma festinha do batizado do meu neto e tenho um pão. Será que poderia usá-los?”

O bispo deixou que o grupo conversasse sobre esse problema, acatou a idéia do Sr. Antônio sem se ofender e tampouco escandalizar o grupo. Com muita serenidade, a Eucaristia foi celebrada. E fez tudo com naturalidade, sem se impor, respeitando as etapas. E a igreja de Itabira ia caminhando como nos primeiros tempos do Cristianismo.

Dom Marcos, esse Bispo do povo, rompia com estruturas arcaicas pré-estabelecidas. Isso acontecia com muito amor, sabedoria e humildade. Isso e outras coisas me fizeram ver nesse homem de Deus, um Bispo diferente, fiel à Igreja e ao seu sacerdócio. Era, sim, um Pastor! Esse foi Dom Marcos, primeiro Bispo da Diocese de Itabira/Coronel Fabriciano, com quem eu tive o privilégio de conviver e chamar de AMIGO!!!!

Itabira, 07 de agosto de 2024

José Ivanir Américo



Breve histórico de José Ivanir Américo

Nasceu em Dionísio, MG, aos 18 de março de 1939. Estudou no Seminário de Mariana, MG, de 1953 a 1966. Primeiro padre ordenado na Diocese Itabira/Coronel Fabriciano. Recebeu o Sacramento da Ordem aos 10 de julho de 1966, pelas mãos do primeiro bispo dessa referida Diocese, Dom Marcos Antônio Noronha. Foi a primeira Ordenação Sacerdotal do Brasil traduzida para o Português, (até então, era proferida em latim.) Exerceu o Ministério Sacerdotal por 17 anos como celibatário. Hoje exerce o seu Sacerdócio na família, e, como leigo, na comunidade onde reside. Casado há 38 anos com Maristela, são pais de três filhos, Saulo, Ivanir Júnior e Lorena. Todos os filhos casados, em setembro de 2022 foram agraciados com o nascimento do primeiro netinho, o Daniel.



Primeiras palavras de Dom Marcos Antônio Noronha na Catedral Diocesana Nossa Senhora do Rosário, em Itabira, aos 29 de dezembro de 1965.

Começou a existir a Diocese de Itabira. Uma família nova, nascida da preocupação da S. Igreja em levar todos ao conhecimento da verdade e facilitar a distribuição do dom de Deus.

A própria voz do Pai executou hoje as determinações canônicas na pessoa do Exmo e Revmo Sr. Arcebispo D. Sebastião Baggio, DD. Nuncio Apostólico. O nome de S. Ex^a ficará para sempre na história da criação do Bispado.

Pelas mãos de S. Ex^a irá também ao S. Padre uma humilde homenagem e nosso afeto. Nas atas que ficam guardadas em Deus, estará assinalado para sempre o nome do Exmo. Sr. Arcebispo Dom Oscar. Devo-lhe homenagem de afeto pela sua bondade. É um homem que deixou todo o triunfo para o céu, pela sua simplicidade, prudência e dedicação.

Nas atas guardadas em Deus, ficarão assinaladas presenças honrosas que falam muito ao coração. Meus amigos alargam hoje o afeto de sua estima e misturam, num afeto só, Pastor e Diocese, para ajuda fraternal e para a prece.

E olhando agora para dentro da casa, vendo a família nova, quero que minha saudação não seja apenas o cumprimento de um protocolo mas a expressão de um sentimento que já existe como parte de todo um processo íntimo de entrega e consagração. Eu vos pertenço como pai e irmão.

Nos dias saudosos do Concílio, enquanto os outros bispos assinalavam as lições em termo de uma aplicação imediata à realidade já conhecida, eu reunia definições e dados teóricos confortadores para chegar.

Olhando agora a família reunida, dentro daquele admirável decreto da função episcopal, começo a ver a Diocese assim: “aquela porção do povo de Deus, entregue ao Bispo e seu presbitério, para ser apascentada de tal modo que, unida a seu pastor e por ele reunida no Espírito Santo, constitua pelo Evangelho e pela Eucaristia, uma Igreja particular, em que está, viva e operante, a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica. Tudo está aqui.”

Em primeiro lugar, um território, delimitando a ação e permitindo um centro. Um território que deve ser a casa de família, com todos os recantos que a casa tem, a serviço do homem. Um território que se divide e se une através das paróquias e das outras comunidades chamadas de base. Cada pedaço está ligado, Evangelho e Eucaristia, para que aí esteja viva a Igreja de Deus.

Comunidades que se reúnem no lar, no trabalho, nas fábricas, no campo, no lazer, no estudo, no sofrimento, na luta pela vida, na procura de Deus e do irmão.

Do mais longínquo agrupamento, capelas, vem um sopro de vida, formando pequena família dentro da paróquia e possibilitando a chegada do Evangelho.

Paróquia unindo-se para formar a Diocese, aquela porção do povo de Deus.

Território marcado para facilitar um trabalho de família, unido, mas nunca uma ilha dentro da Igreja universal. Aberto à pastoral de conjunto, aos anseios e pensamentos dentro do universal.

Esse território existe assim, marcado por causa das pessoas. São elas que possibilitam a exigem a presença do Evangelho e da Eucaristia.

Bispo, sacerdote, diácono, religiosos e religiosas, catequistas e os chefes das comunidades e todos os que, de qualquer forma, anunciam o Evangelho.

Se é família a Diocese, ninguém pode dizer-se inútil e sem responsabilidade. Numa dependência mútua, todos têm sua função insubstituível na casa.

Essas pessoas, nesse território, tornam presente a Igreja pelo Evangelho e pela Eucaristia, cada uma a seu modo, fazendo a descentralização e a centralização. Por isso, nenhum de nós pode ver sozinho os frutos plantados e nenhum pode trabalhar sem os outros.

Mas para isso há os meios. Território, pessoas e meios.

O serviço do pode de Deus, há todo um conjunto de possibilidades oferecidas pela experiência da Igreja, pela prudência e pela ordem.

É por causa do Evangelho e da Eucaristia, para possibilitar sua chegada a cada pedaço do território, orgânica e planejada, que existe Cúria, Conselhos, Comissões.

É por causa do Evangelho e da Eucaristia que se tiram meios à técnica de administração, à divisão de responsabilidades, ao trabalho de equipe, para que a Igreja esteja viva em cada pedaço e o Evangelho possa chegar ao povo onde quer que ele esteja.

Este nascimento de Diocese, porção do Reino, está acontecendo numa hora de luta, de temor para quem quiser assumir sozinho.

Mas, na hora mais bonita da história, para quem quiser ouvir a Igreja, sua definição clara, sua tomada de consciência.

Hora em que o mundo quer abrir-se para a sua dimensão comunitária, cansando do ódio e sedento de amor e de unidade.

Hora de visões positivas para a construção do Reino, com áreas inteiramente novas, abertas pela intervenção clara do Espírito que reuniu de novo os apóstolos pela voz de Pedro.

Hora da vontade boa que não pode vir da carne, nem do sangue, nem só do homem.

Hora, não mais de discussão de poderes e atribuições, mas de responsabilidade dos fieis com a capacidade que receberam de seu Batismo que os fez membros vivos. O Concílio fez com que fosse despertada essa consciência.

Hora da visão positiva do padre, sem angelicismo e sem naturalismo, sem a exigência incômoda de que cada um passa ter todos os carismas. Sentados como todos os outros que peregrinam na caravana de Deus, presente na pastoral com tudo o que tem, tratado como adulto e presente como adulto no presbitério, santificando o seu povo e sendo por ele

santificado, amando e sendo por ele amado.

Felizes de nós padres se tivermos a amizade calorosa do povo de Deus.

Hora da vida consagrada dos religiosos frutificando na pastoral, na evangelização.

Hora incomparável da face missionária e da face ecumênica da Igreja.

Sem renunciar a nada do que ela é, está dizendo um sim, está falando a todos os homens. Sim de amor, que vai marcar para sempre este século. Sim procurado com suor nas profundezas da Palavra revelada e que vai fazer mais para a humanidade do que todas as conquistas da técnica, as guerras e as armas.

Hora que pareceu de dúvidas e incertezas, que pareceu relativismo, que exigiu sacrifícios e debates e agora reúne a imensa boa vontade de todos para a aplicação depois que a Igreja inteira falou.

Hora do respeito à pessoa humana, causa sagrada, por causa de Deus.

Pode ser difícil, pode exigir heróis, mas há clareza na posição da Igreja. Há uma mensagem definida. Há um pedido evidente e há linhas para os nossos dias.

Hora bonita para nascer esta família nova, a Diocese de Itabira. A sua carta de ereção vem misturada com os decretos do Concílio, com o seu odor e com a sua idade.

A Diocese foi fecundada pela Igreja em Concílio e nasce na aurora mesma de sua aplicação.

Nasce acima de uns pontos de vistas pessoais, de umas preferências e correntes.

Hora de se construir sobre o amor que foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, no qual voltam para o lado de Deus e gritam com confiança: Pai!

Está tudo aí: ajudarmo-nos uns aos outros, no humano e no divino, para cumprir o que está marcado na nossa natureza: Andar para a casa do Pai, enraizados no amor!



Durante o Episcopado

A Diocese de Itabira nasceu em meio a tensões próprias das fortes mudanças que foram acontecendo no contexto histórico da década de 1960. Essa realidade impeliu o povo a participar do processo de reflexão, a criar estruturas pastorais e administrativas, e a elaborar o anteprojeto do Plano de Pastoral de Conjunto.

Como força de coesão, numa caminhada linda e corajosa, mas cheia de conflitos e desafios, Dom Marcos Noronha, recém-ordenado e empossado, foi um bispo com uma visão pastoral conciliar, dinâmico e com espírito organizacional em evidência. Organizou o Secretariado Diocesano com o objetivo de articular a missão. Como estratégia de formação do laicato, desenvolveu o Boletim Diocesano e iniciou o Centro de Treinamento Catequético-Pastoral.

Vendo a necessidade das famílias se reunirem para rezar, Dom Marcos Noronha criou os grupos de reflexão na Diocese. Criou ainda as Associações dos Amigos de Bairro, com uma “atuação cidadã” muito forte, e criou a Associação das Empregadas Domésticas, liderada por Agenária Ribeiro da Silva. Para que Itabira tivesse seus primeiros cursos de terceiro grau, Dom Marcos Noronha foi um grande colaborador da Fundação Itabira Difusora de Ensino (FIDE). Mais tarde, ajudou a criar a Faculdade de Ciências Humanas de Itabira (FACHI), hoje Fundação Comunitária de Ensino Superior de Itabira (FUNCESI).

Interessado pela formação em todos os níveis, Dom Marcos Noronha, por intermédio de Dom Serafim Fernandes de Araújo, Arcebispo Auxiliar de Belo Horizonte, trouxe para Itabira e Coronel Fabriciano os cursos de extensão da Pontifícia Universidade Católica, PUC Minas.

Algumas marcas deixadas por Dom Marcos Noronha: Consciência da missão da Diocese; Convocação do povo de todas as cidades pertencentes à Diocese para busca de novos caminhos; Criação de novas estruturas que possibilitam os trabalhos diocesanos; Abertura ao novo e ao social; Elaboração de planos de pastoral de Conjunto; Confiança nas potencialidades existentes nas regiões; Grupo de reflexão nas comunidades de base, pastoral de conjunto, princípios de planejamento, sistemática e metodológica de ação; Preocupação com o povo simples, para que ele fale e traga para fora o seu jeito de ser; Necessidade de mobilização dos leigos responsáveis.



Pesos

A vergonha não é de mendigar
de porta em porta e
de rosto em rosto.

É a lembrança das carências
postas nas mãos,
ao pedir.

O pobre não sente
pelo que precisou ganhar.
Dói é a desnudação repetida,
virando uma quase rotina.

Eu somo, de tarde, as ausências,
a nudez exposta
de todas as minhas horas.
A vergonha não é de falar
que sou fraco.

A vergonha é de não ter,
em todos os momentos,
a consciência de ser assim.

(MARCOS A. NORONHA)

Quem ficará

Sobra no fim pouca gente.
Muitos amavam a si mesmos em nós.

Muitos se desvelaram
os que precisam sempre
desvelar-se por alguém.

Alguns amavam o que queriam
e não o que a gente simplesmente é.

O que queriam
não havia para dar.

Plantaram em nós
uma imagem que não vingou.
Puseram em nós sua imagem
e ela pereceu.

Não estava mais,
quando o eu emergiu.

Quem ficará?

Só quem aceitou,
com suas mãos em concha,
nosso cerne nu.

Ficou quem não queria nada,
quem menos a gente esperou...

(MARCOS A. NORONHA)

Carta de despedida de Dom Marcos Antônio Noronha

Faz cinco anos, cheguei a Itabira, com o coração à tona, com as melhores intenções, desarmado e confiante, com vontade de viver intensamente com o povo de Deus que aqui está.

Saio com as mesmas convicções e renovada boa vontade. Sinto o apelo de Deus, para trabalhar com mais fervor ainda. Mais do que nunca, quero ser fiel às aspirações profundas do povo de Deus, onde quer que eu esteja.

Tudo afinal foi graça do Pai. Um dia haverá floração, pois muitas vidas se gastaram em honesta procura de acertar.

Houve horas muito difíceis. O povo não tem culpa, O Senhor me levantou, na hora da angústia e me deu, na mão dos amigos, sua própria mão. Não deixou o ódio entrar no coração. Tudo isto será útil, no caminho de novas descobertas e na penitência das limitações que toda tarefa humana leva por dentro. Espero que para os padres que sofreram na sua carne, com nobreza (e incluo aqui os que deixaram o ministério), tudo seja apelo para novo fervor, na forma que a consciência ditar.

Tenho uma enorme dívida de gratidão para com os padres. Vou sentir uma saudade imensa. Nossa amizade vai começar um capítulo diferente, mas muito mais rico, tenho certeza, Posso dizer-lhes que nosso encontro de cinco anos foi, neste particular, o tempo mais feliz de minha vida. Peço que ajudem o novo bispo como irmãos. Uma visão realista e cristã está pedindo que procurem nele o que faltou em mim, para podermos dizer que sempre procuramos o objetivo real da Igreja de Jesus Cristo. E a luz dessa unidade fará, na soma total, o nascimento de um horizonte novo.

A todos os meus amigos peço que compreendam minha ausência e vejam nela a única possibilidade de encontrar paz interior. Não sei viver sem a paz de coração e na incerteza, Eles estarão presentes em mim,

todos os instantes da vida. Sou-lhes grato para sempre. Vi- vemos juntos as horas mais difíceis e as horas mais felizes. Eles são testemunhas fiéis dos acertos e dos erros, mas podem atestar que a vontade foi sempre a do bem.

Esta Diocese tem um grupo incomparável de religiosas e de leigos. Peço que continuem seu trabalho humilde, na reflexão perene e no esforço de participar dos passos todos da Igreja de Deus. Eles têm uma missão muito importante a cumprir, dentro da esperança. Agradeço sua ajuda sincera, sua amizade fraterna, sem as incoerências do triunfal, sem aquela obediência pomposa e falsa que tem a contradição de faltar exatamente na hora mais importante e nas coisas essenciais.

Ensinaram-me lições imperecíveis que não estão nos livros. Fizeram, dentro de mim, um despojamento que nunca teria acontecido. Não deixaram que eu caísse na tentação da segurança falsa e que eu fosse a “excelência” que tantos queriam. Construíram em mim a melhor imagem da Igreja-povo. Eles são aquele pequeno rebanho a quem o Senhor pediu não tivesse medo.

Fico pedindo ao Pai que envie um pastor que corresponda nos anseios do povo e que seja por ele amado e compreendido.

O novo bispo, mais realista, verá, de relance, o que minha lentidão natural custou tanto tempo para descobrir.

Não deixo relatório de atividades pastorais. Deixo uma comunidade apenas convocada para viver. Deixo uma vírgula e não um ponto final no primeiro capítulo da história da Diocese.

Há uma tarefa imensa a se realizar. Comblin diz assim: “o senso comunitário que se manifestou no movimento personalista e no movimento de renovação eclesiológica foi muito mais expressão de um desejo do que realização concreta, Essa comunidade de que falam os eclesiólogos ou os personalistas não passa de expressão da aspiração profunda dos cristãos de hoje. Ambos os movimentos desembocaram finalmente no Concílio. Porém o Concílio é muito mais uma grandiosa e magnífica expressão das aspirações comunitárias do que uma resposta, O Concílio proclamou magnificamente a vocação de povo de Deus que pertence aos cristãos. Mas,

não propôs nenhum modo concreto de realizar essa vocação. Aprofundou assim a grande aspiração comunitária dos cristãos. O Concílio criou um vazio enorme, cavou no seio da Igreja um buraco tremendo, que cabe agora às gerações seguintes encher. Essa comunidade há de ser criada...” (REB, set. 1970).

Vejo nessas palavras, o primeiro capítulo da Diocese, custosamente vivido. Ela tem pela frente um grande programa, Ele há de ser feito, de uma ou outra maneira, porque a história não volta atrás, se o povo entrou nela.

Nas mãos do Governador da Diocese, com o Conselho presbiteral, deixo o elenco de tudo o que é da Diocese, para que seja entregue ao Vigário Capitular.

O trabalho pastoral e o do Centro de treinamento foi possibilitado pelas verbas recebidas das organizações alemãs “Adveniat e Misereor”, a quem somos muito agradecidos. As anotações dos gastos e saldos estão nos livros caixa do Secretariado e Centro de treinamento. O que fica, fruto dos juros dessas verbas, dá ainda para muito trabalho, conforme se pode ver nas contas bancárias.

Ao povo de Deus que está aqui o meu abraço de despedida. Não tive força bastante para fazê-lo pessoalmente. Continuamos muito unidos, na presença do Senhor.

A todo esse povo bom e humilde que descobriu sua vocação e sua responsabilidade, que viu, que participa ativamente, que se empenha na descoberta dos valores e sentido da vida, que não se cansa de se reunir... Aos que se entregam de verdade a qualquer trabalho de promoção do homem todo e de todos os homens... Aos que procuram traduzir, segundo as exigências de hoje, na sua vida, o Evangelho do Senhor Jesus... Aos que vivem o mistério da Igreja para lá de uma simples manifestação costumeira e a constroem pensosamente cada dia... Aos que, em cada comunidade, a seu modo, são o segredo da caminhada... A todos, eu peço que continuem cada vez mais fiéis. Não haverá hiato, na obra salvadora de Deus.

Saio com o mesmo lema que eu trouxe na boca e que procurei trazer no coração: “radicados no amor”. E termino com palavras do salmo 130, para que falem aquilo que eu não pude ou não soube dizer: “Senhor, meu coração não está altivo, nem meus olhos levantados. Não tomei um caminho de grandezas, nem de prodígios que me excedam... Conta Israel com o Senhor, agora e sempre”.

02 de novembro de 1970

Dom Marcos Antônio Noronha



Volta

Um dia cairei.

No último instante de consciência,
andarei para o lado da árvore
de frutas vermelhas,
quero cair aí.

Serei tragado pelas raízes.

Se houver sol e chuva,
voltarei mais depressa,
triturado antes do tempo.

Não queria tempo
entre meu fechar de olhos
e o virar alimento.

Sei que tudo anda,
eu não queria parar.
Não queria esperar muito
a boca que vai ser
meu caminho de volta.

Sei que tudo volta.

Eu queria voltar depressa
e encontrar ainda reunidos
as que viram
meu último instante de consciência.

Andarei para a árvore
de frutas maduras,
como quem vai subir aos galhos.

Sonho com o quase impossível
de adubar a próxima floração,
e ser devolvido
na primeira colheita.

Eu gosto do vento e do sol.

Tenho medo de cair longe deles
e passar tempo inútil
nas camadas de volta...

(MARCOS A. NORONHA)

Relato de Zélia Froes Sobre Marcos Noronha

Tendo em vista a comemoração do aniversário do Marcos, celebrado com grande carinho pela Diocese de Itabira, Padre Ueliton pediu que eu falasse um pouco da nossa vida a dois. Não é muito fácil resumir 22 anos de convivência, mesmo porque nada há de extraordinário e/ou diferente de outros casais. Mas vamos tentar.

Ao ser criada a nova Diocese de Itabira em 1965, os jovens que estudavam no Seminário de Mariana mas nascidos em cidades agora ligadas à nova Diocese, foram se apresentar ao novo Bispo, entre eles, meu irmão. Assim, ao cumprimentar “Dom Marcos”, fui apresentada como “a irmã do Nelson”. Poucas vezes vi o “Senhor Bispo” pois, além de morar em outra cidade – Ferros – os padres e, principalmente, os bispos eram tratados à distância, por respeito e, talvez, certa timidez do “povo comum”.

Em 1968 saí de Ferros para cursar História na UFMG/BH. Em 1970 soube que o Bispo de Itabira renunciara, voltando a morar em Guaxupé. Em fins de 1975, novembro, nos encontramos, “Dom Marcos” e eu, ocasionalmente, no centro de Belo Horizonte. Aí então me contou que estava morando em São Paulo. Ele agora era um cidadão comum, trabalhando na FEPASA, órgão do Estado, ganhando o pão de outra maneira que ele até então desconhecia.

Em 20 de dezembro de 1976 nos casamos e foi quando o Marcos decidiu vir morar em Belo Horizonte (gentileza dele para comigo e minha família). Nós nos casamos no civil apenas. Marcos não quis pedir “licença a Roma” para se casar e também eu não sonhava com casamento/festa.

Em Belo Horizonte a nossa vida era simples, comum. Ele, trabalhando na Fundação João Pinheiro e eu deixei de lecionar História em colégios e em cursinhos pré-vestibular e fui trabalhar na ex-Legião Brasileira de Assistência (LBA), na área de Educação para o Trabalho.

Trabalhávamos o dia todo, com pausa para o

rápido almoço em casa. Às 19 horas, geralmente, voltávamos do trabalho. Eu, cansada. O Marcos também cansado, mas disposto a conversar com os amigos, a telefonar, ler ou escrever e... até receber quem o procurava para uma conversa.

Encontrou no trabalho da Fundação João Pinheiro tudo o que sempre o motivou: o trabalho comunitário, o desenvolvimento das favelas, numa ação política libertadora, de conscientização. E afirmava sempre aprender muito com as pessoas dessas comunidades, da periferia: “eram simples, autênticas e sábias”, dizia ele.

A Educação era a outra vertente de sua vocação: sua vida foi sempre dedicada a ela. É por meio da Educação que a pessoa aprende a refletir sobre sua vida e a vida da comunidade. É dessa reflexão que nasce a tomada de consciência, necessária para impulsionar a mudança de vida pessoal e do seu entorno. Reflexão-Conscientização gera a Transformação, ensinava o grande educador e pensador Paulo Freire.

Foram muito bem-vindas também as orientações do Concílio Vaticano II para a Igreja que ansiava por mudanças de rota. Nasce então as comunidades de base célula-mater da Teologia da Libertação. Por essa Teologia muitas pessoas do Clero lutaram, se sacrificaram e até morreram por ela, mas ainda hoje não é bem compreendida: é confundida com proteção a bandidos ou algo anacrônico em nossos dias: o comunismo!

Na capital, Belo Horizonte, era solicitado para dar palestras, participar de grupos de reflexão ligados à Igreja e desenvolver trabalhos com lideranças da periferia. Ele e o professor Murilo (da Universidade Católica de MG) perceberam também a necessidade de dialogar com jovens lideranças de vários partidos políticos, interessados a participar, no futuro, da vida política do país.

Nossa casa recebia muitos amigos dele e meus, mas os dele “se chamavam multidão”. Antigos e novos amigos ou conhecidos, vindos de todos os lugares. Marcos gostava muito desses encontros. Todos se sentiam bem com o acolhimento e, principalmente, com a conversa inteligente e cheia de humor do Marcos. Confesso que, às vezes, era um pouco

pesado para mim “ter a porta sempre aberta”, o que somava ao meu cansaço do dia inteiro de trabalho fora. Mas ele era incansável no que dizia respeito às pessoas. Ele ficava revigorado com mais estas horas depois do trabalho.

Recebíamos amigos, filhos de amigos, estudantes, colegas de trabalho, padres, bispos, doutores, políticos, pessoas ditas “importantes” e pessoas simples. Acolhia a todos com naturalidade, alegria e disposição para ouvir com atenção verdadeira, sem criticar ou condenar. Não fazia “cobranças”. Era tolerante e aberto de cabeça e coração. Respeitava a opinião ou crença de qualquer um, a história de cada um. Só não conseguia admitir a maldade e a hipocrisia. Era uma pessoa tão rica em virtudes que tive a felicidade de conviver e tentar aprender o desapego, o olhar compassivo e humano. (Se eu não acreditasse na SORTE, diria que este nosso encontro foi um milagre ou uma benção de Deus!...)

Além de gostar de ficar em casa lendo, escrevendo, ouvindo música clássica, inclusive música religiosa, grandes corais e grandes orquestras em CDs que escolhia com muito cuidado nas lojas, gostava também de um bom filme, uma boa peça de teatro. Íamos os dois, muito animados também para um restaurante italiano (herança dos avós italianos). Muitas vezes eu ia só a esses programas ou com pessoas amigas. Assim como nas viagens. Viajamos duas vezes para fora do país mas ele preferia ficar no seu “canto”, convivendo consigo mesmo e com pessoas amigas e, quando podia, reunia os amigos para um jogo de baralho, o que o deixava descontraído, feliz. E achava ótimo que eu viajasse – eu gostava muito – e ficasse feliz também.

Ele dizia que não era por estarmos casados que éramos obrigados a fazer tudo juntos. “Não nascemos pregados um no outro”, dizia rindo. Importante é a possibilidade que os casais têm de serem livres, não serem obrigados a fazer tudo o que a sociedade impõe. Ele era contra convenções sociais, pois estas muitas vezes escravizam as pessoas, dizia. É preciso ter liberdade de ser a gente mesma para que a relação seja boa. Era preciso se desvencilhar das convenções, da falsa moral, das “aparências”,

das “cascas” e buscar a essência, a raiz, enfim, buscar o que vale a pena: buscar a VIDA.

Dentro de casa, no dia a dia, Marcos era divertido, espirituoso, brincalhão. Fazia sempre uma observação jocosa, uma piadinha – ele era mestre em contar piadas – entretanto, muito refinado nos gestos e nas palavras. Claro, tinha seus momentos de angústia, de silêncio, de tristeza e de dúvidas. No silêncio do escritório e com a caneta nas mãos registrava suas reflexões e revisão da vida. Sofria ao sentir que havia falhado aqui ou ali, ou que não fora generoso em algum momento.

Era constante e sofrida sua luta pessoal no sentido de buscar o aprimoramento interior. Era homem de grande sensibilidade e grandeza moral. Deixou um legado de seriedade, retidão, de companheirismo, de compromisso com a humanidade. Sua figura forte e humana ficou gravada em cada pessoa da minha família com quem ele conviveu: sogros, irmãos, cunhados, tios, primos, amigos, parentes, enfim, todos os que faziam parte do nosso mundo. Marcos se sentia feliz, enlaçado por todos nós e deixou marcas profundas em cada um, principalmente nos sobrinhos ainda jovens, e uma imensa saudade. Creio que muitos conhecem o Bernardo, que escreveu um livro sobre o tio, no desejo de divulgar e perpetuar seu legado. A família Noronha, morando em várias cidades e estados, era sua constante lembrança e refúgio. Refúgio também era a cidade de Guaxupé, cheia de lembranças e amizade com todo o povo. E Itabira, ligação eterna com a cidade, com o clero, com sua gente. Itabira ele mantinha sempre perto de seus olhos e coração.

Acompanhei a voz do Marcos durante 22 anos, foi este o tempo (pequeno) que vivemos casados. Ele faleceu cedo, aos 73 anos. Para mim foi um susto enorme e profunda tristeza. (Eu me lembro que o meu hábito de cantarolar a toda hora se apagou. Durante 3 anos não mais consegui fazê-lo. Emudeci.)

Nosso casamento, como já disse, igual a qualquer outro, com alegrias, dores, dúvidas, esperança... mas não faltaram os três pilares básicos: a confiança, a cumplicidade, o amor.

Apreendi muito com o Marcos, em todos os sentidos. Mas em muita coisa gostaria de ter aprendido mais: fui má aluna. Por outro lado, penso que ele aprendeu comigo a por os pés no chão. A propósito, num pequeno texto ele

diz ter sido, muitas vezes radical, e que o “radical peca por orgulho, por não saber ouvir” ... e acrescenta: ... “foi a Zélia quem me fez rever os passos e pôr luz em cima deles. Sem ela, eu continuaria radical”. (Não sei se mereço, mas agradeço).

Gostaria que o Marcos ainda estivesse aqui, mas sem os problemas circulatórios que enfrentou. Apesar deles, continuou a lutar por um mundo melhor, mais justo: continuou pensando, escrevendo e mandando “recados” a este mundo através de seus escritos. Dizia: “É para o futuro que escrevo”. O que é uma verdade: seus livros, seus escritos são atualíssimos. Pensava anos à frente do seu tempo. Era revolucionário no sentido de captar a realidade e propor soluções lúcidas e antenadas com a modernidade e com o bom senso.

A 16 de fevereiro de 1998 ele faleceu, deixando um vazio absurdo nos corações de todos. Que falta imensa essa cabeça pensante fará para aqueles que ainda virão! Eu gostaria que ele estivesse aqui, bem perto e vivendo este momento do mundo. Penso que ele também gostaria de ver as mudanças trazidas pela globalização e suas grandes transformações: luta pela democracia, a quebra de preconceitos, de aceitação do diferente, a voz e o grito das minorias, dos marginalizados, dos que sofrem prisões, torturas, a todos que são tratados sem dignidade e respeito. Marcos deveria estar presente agora, em que acontece a luta pela igualdade e pela diversidade entre pessoas e povos. Ele precisava estar aqui e agora, para celebrar e para ajudar. Afinal, o mundo não é de poucos privilegiados: o mundo é de todos.

Eu me lembro, agora, da figura do Villa Lobos, já doente e se despedindo da vida, dizendo: “Morrer agora, que tenho séculos de música na cabeça?!” Imagino também o Marcos, partindo cedo, tendo tantas coisas para dizer ao Mundo! Mas ele ficará. Ele já ficou!

Belo Horizonte, 22 de agosto de 2024

Zélia Quintão Froes



Lembrando Marcos Noronha

- 18 de setembro de 1924: um menino, registrado como Antônio Marcos e batizado Marcos Antônio, nasce em Areado (Sul de Minas) como cidadão brasileiro e cidadão do mundo.

- 24 de agosto de 1965: O jovem adulto de então, às vésperas de completar 41 anos, é ordenado bispo.

- Servidor do Reino, outro Cristo na terra, torna-se o 1º Pastor de uma Diocese também nascida nesse ano de 1965: a Diocese de Itabira – desmembrada, em grande parte, da centenária Arquidiocese de Mariana e, em menor proporção, da de Diamantina.

- Grande comitiva de itabiranos viaja a Guaxupé para a cerimônia de ordenação desse bispo.

- Mas ele não vem logo para cá. Vai a Roma, onde participa da última etapa do Vaticano II.

- Nesse Interim, a azáfama é grande na velha cidade: preparar a casa (“Nada de palácio episcopal! Será apenas a RESIDÊNCIA EPISCOPAL” – teria dito seu futuro morador). Por isso, é com um simples RE que se marca todo o enxoval da casa do Bispo.

- Louça, talheres e mobiliário são adquiridos em Belo Horizonte, em lojas especializadas, e passam a compor aquela residência especial.

Os Magalhães encomendam todo o aparelho de jantar com a gravação “Marcos Noronha”. Nazareno Bragança doa o telefone. A Vale, além de disponibilizar a casa, doa máquinas de escrever (usadas), móveis de escritório (alguns) e um carro, também usado.

- A “ala feminina” se empenha nas costuras, nos bordados, nos monogramas... até que tudo fique pronto para o grande dia: 29 de dezembro de 1965.

- E foi aquela festa! Sinos tocando... banda de música do Corpo de Bombeiros de BH e presença de Dragões da Independência (“arranjados” por Daniel Grisolia)... tapete de flores no adro... Arcebispos e Bispo de Mariana, Guaxupé e Belo Horizonte... Sacerdotes, seminaristas, religiosos e religiosas... autoridades civis e militares... e gente, muita gente!...

- Acima de tudo, o Sr. Núncio Apostólico, D. Sebastião Baggio.

- Missa Cantada, hino de recepção a D. Marcos, flores e palmas, foguetes a espoucar... alegria geral!

- Terminadas as cerimônias oficiais, a visitação à Residência Episcopal e ao seu recente morador.

Para se ter uma idéia: os 5kg de pó comprados para a ocasião não foram suficientes para se servir um cafezinho a cada visitante!

- Pouco depois, têm lugar os encontros, as visitas, as sondagens, as providências para organização de uma Cúria Diocesana.

- Quem será o secretário, o chanceler do Bispado?

- E vem a primeira grande novidade: um leigo como secretário da Cúria. O escolhido, depois de consulta a diferentes pessoas? O sr. Ninico Amâncio, professor e escriturário aposentado, cristão exemplar, discreto, respeitado por todos que o conhecem.

- O convite/surpresa é feito diretamente ao escolhido, em sua casa. E a resposta/anuência é também surpresa para aquele que convidava: “Aceito, desde que eu não receba qualquer remuneração. Tenho 2 aposentadorias, meus filhos já estão todos formados e já trabalhando, e a Diocese não possui um Fundo de Reserva que lhe permita assumir grandes despesas.”

E por 15 anos sô Ninico foi aquela figura acolhedora, sorridente tranquila à frente da Cúria Diocesana. Morreu em 29 de dezembro de 1980, exatamente no dia em que a Diocese celebrava seus 15 anos de instalação.

- (...) E veio o grande TEMPO DE REFLEXÃO. Em todos os recantos da Diocese, mesmo os mais humildes e pequeninos, o POVO foi convocado a pensar, a discutir, a tomar decisões, a questionar e sugerir.

- Um dos grandes frutos dessa época foi a instalação, em Itabira, da Escola Estadual “Profª Antonina Moreira”, em área da Igreja Santa Bárbara, na Água Fresca, por solicitação da recente Associação dos Amigos do Bairro à Prefeitura Municipal.

- (...) E veio o CENTRO DE TREINAMENTO DE LÍDERES, aos cuidados de Felipe Aranha e Cândido Bisewsky, que trabalhavam dentro da linha de Paulo Freire.

Quantas e quantas turmas passaram pelas mãos desses dois! E como as várias lideranças cresceram em seu campo de trabalho e como seres humanos!

- (...) E veio a experiência das “FREIRAS-VIGÁRIAS”. Religiosas de variadas congregações, acolhidas na Diocese, passaram a atuar em bairros de periferia e especialmente na zona rural. Quanta vivência rica, quanto benefício para o povo surgiram de tais experiências!

- (...) E veio o Padre José Maria De Man – Padre do Trabalho – com alguns companheiros. Seus esforços, sua tenacidade, sua competência, sua inteligência brilhante e muito à frente daquele tempo foram as sementes do que é hoje a grande Universidade do Vale do Aço!

- (...) E veio o Secretariado Diocesano, sob os cuidados do Pe. Otacílio Fernandes de Ávila. Encontros mil... momentos... estudos... reflexões... visitas a outras Paróquias, quando solicitadas...

O redentorista Pe. Dalton e os carmelitas Freis Carlos Mesters e Vital Wilderink são três dos muitos convidados que ajudaram o pessoal do Secretariado a crescer.

Houve muito mais! Muito mais!

Aqui estão só algumas lembranças de um tempo vivido com intensidade, pois tudo era permeado pela preocupação de CONSTRUIR O HOMEM TODO E TODOS OS HOMENS!

Infelizmente, durou pouco esse Pentecostes mineiro. De qualquer modo, foram quase 5 anos de caminhada sob o cajado desse Moisés do século XX, que nos deixou, renunciando espontaneamente ao Bispado, em 1970. E, como ser humano, em 16 de fevereiro de 1998.

Enterrado em Guaxupé, teve seus restos mortais trasladados para Itabira em 29/12/2005, nos 40 anos de instalação da Diocese. Que diferença da primeira vinda!

Um pequeno grupo de fiéis amigos... a comitiva de Guaxupé... nada de tapete de flores e bandas de música... apenas o badalar tristonho do grande sino Elias...o “toque de silêncio” soando no alto da torre...e o velório dentro da Catedral. E, antes da missa festiva dos 40 anos, o sepultamento na cripta recém-construída, com um cortejo mínimo, pois o espaço lá é pequeno.

Ao retornar, disse D. Mário, então Bispo emérito: “Já escolhi minha sepultura: quero ser enterrado ao lado de D. Marcos.”

E não é que, 9 meses depois, seu desejo foi atendido?

Criticado por muitos, detestado por alguns outros, mas muito amado por aqueles que tiveram o privilégio de com ele conviver, trabalhar, aprender e crescer, ele sempre será o NOSSO PRIMEIRO BISPO!

Deus te guarde para sempre,
Marcos Noronha,
na palma de Sua Mão!

Belo Horizonte, 27 de agosto de 2024

Marciana Adelaide Ferreira

Translado dos restos mortais

Dom Odilon Guimarães Moreira, tendo assumido a Diocese de Itabira-Coronel Fabriciano em 2003, tendo visto que não existia na Catedral Diocesana uma cripta para sepultar os bispos, logo providenciou a sua construção. Solicitou ao Pe. Francisco Neto Guerra, pároco na época, que prontamente assumiu a missão do projeto e construção da cripta, promovendo ações para os recursos financeiros necessários. Por ocasião da comemoração dos 40 anos da Diocese de Itabira Coronel-Fabriciano, os restos mortais de Dom Marcos Noronha foram transladados para a Catedral Diocesana Nossa Senhora do Rosário, em Itabira aos 29 de dezembro de 2005. Os restos mortais do 1º Bispo seguiram em cortejo e chegaram na Catedral em carro aberto do Corpo de Bombeiros, sendo acolhidos por Dom Odilon, Pe. Francisco Guerra, diversas autoridades civis e religiosas e uma grande porção de fiéis. A Missa foi presidida por Dom Odilon Guimarães Moreira e concelebrada por alguns Bispos e clérigos, dentre eles, Pe. Francisco Guerra, pároco. Após a celebração da Missa, na parte interna da Catedral onde está situada a Cripta, acompanhado dos Bispos, alguns padres e familiares de Dom Marcos Noronha, Dom Odilon abençoou a Cripta, realizou o rito das exéquias e a urna com os restos mortais de Dom Marcos Noronha foi deposita nela.



Testemunhos

Bem no começo do meu pastoreio como bispo dessa diocese, conversando com Pe. Francisco Guerra, que era pároco da Catedral Diocesana, decidimos construir a cripta dos bispos nessa igreja. Pe. Francisco se dispôs logo a construí-la com recursos próprios da catedral, sem custo algum para a diocese. Após a conclusão das obras, começamos logo a pensar na possibilidade de trazer os restos mortais de Dom Marco Noronha, primeiro bispo dessa diocese, para essa cripta. Essa ideia foi refletida com outras pessoas, e todos apoiaram a iniciativa. Também o bispo de Guaxupé, de onde veio Dom Marcos Noronha, apoiou plenamente a ideia. Salvo engano, o bispo de Guaxupé na época era Dom José Geraldo. Ele mesmo se dispôs a realizar o traslado dos restos mortais do cemitério de Guaxupé para a cripta da Catedral de Itabira. Os restos mortais foram recebidos na diocese sob forte emoção dos fiéis. Assim, Dom Marcos Antônio Noronha repousa na cripta da Catedral Diocesana, seguido de Dom Mário Teixeira Gurgel.

Dom Odilon Guimarães Moreira
Bispo Emérito de Itabira-Coronel Fabriciano

Ipatinga, 17 de agosto de 2024

Dom Marcos Noronha, primeiro Bispo da Diocese de Itabira, foi um membro destacado do clero da Diocese de Guaxupé, atuando em funções relevantes para a nossa Igreja Particular, especialmente como chanceler, professor e vigário-geral.

Foi, sobretudo, um homem de proximidade com a Palavra, deixando-se iluminar pelo conhecimento, advindo de seu esforço e comprometimento, interessava-se pela literatura e dedicava-se sobremaneira a contemplação dos textos bíblicos.

Aprofundou-se nas proposições do Concílio Vaticano II, abrindo-se a conhecer novos modos do exercício teológico e das grandes transformações realizadas na Igreja, mantendo-se sempre em constante contato com grandes nomes da Igreja em sua época e personalidades relevantes do cenário político.

Viveu as contradições de nossa humanidade, mas sempre se manteve aberto a experiência da partilha e do diálogo. Aqueles que o conheceram e conviveram com ele manifestam uma profunda admiração pelo grande homem, que não se quebrou diante dos revezes da vida.

Dom José Lanza Neto
Bispo Diocesano de Guaxupé

Guaxupé, 08 de agosto de 2024.

“ Marcos Noronha aspirava ao Reino do Céus, não aquele a que faríamos jus após uma trajetória terrena impecável. Queria-o já, aqui e agora, acessível a todos, nesta terra pulsante e estuante de vida. Em sua luta, este cruzado incruento mostrava as armas: a bondade, a fraternidade e a empatia que vazavam por todos os poros, que jorravam de seu coração, mente, olhos e boca. Marcos era um sedutor, um encantador de gente, dificilmente alguém conversava com ele por alguns minutos sem tê-lo como amigo e aderir ao seu proselitismo em favor do bem, da justiça, da igualdade. Nele mesclavam-se harmoniosamente ideias, palavras e comportamentos, era exemplar sem pretender sê-lo. E, como ser que buscava fugidias verdades, era atormentado por dúvidas, muitas dúvidas. Ao pregador singular faltou-lhe tempo para completar a missão, mas em sua passagem deixou plantadas as sementes que fizeram de muitos de nós seres mais humanos, compassivos e solidários. Eu diria que a semente vingou e continua a dar seus frutos. Se a saudade reaviva os mortos, Marcos Noronha está bem vivo em muitos corações...”

Jaime Blay

algum tempo após a morte de Dom Marcos Noronha

Dom Marcos, em Itabira, foi um divisor de águas. Espírito inquieto. Pesquisador minucioso. Leitor voraz. Estudioso incansável. Humanista, filósofo, poeta, pensador. Repartia com todos que dele se aproximavam, o brilho de sua inteligência, com a generosa espontaneidade que permeava o seu jeito singular de estar no mundo. Marcou nossa cidade e nossas vidas ensinando-nos lições de fé na transformação da sociedade, através do convívio solidário entre as pessoas e pelo exercício permanente da justiça, da misericórdia, do amor.

A bondade e o desprendimento foram o traço mais forte de seu caráter. Com a simplicidade dos verdadeiramente grandes, talvez nem percebesse como os espalhava por onde passasse, transformando para melhor aqueles que tivessem o privilégio de com ele conviver.

Havia, sempre, uma palavra, um gesto que vindos dele, renovavam nossa fé na humanidade e nos devolviam a esperança de um mundo mais justo, mais solidário, mais humano.

O universo dos amigos ficou diminuído com o desaparecimento de Dom Marcos, mas cremos firmemente que o “bom e belo que construiu ao longo de sua vida continuarão seu movimento”, indefinidamente.

Itabira, fevereiro de 1998

Myriam de Souza Brandão

Dom Marcos Noronha, é muito o que a gente tem para dizer no vai-vem das lembranças, dos pensamentos e sentimentos que sua morte resolveu em nós.

Na grande onda de carinho e saudade que vem rolando sobre a Diocese de Itabira - Fabriciano.

Ele foi nosso primeiro Pastor, o porta-voz da esperança que o Concílio Vaticano II trouxe ao mundo. Foi para nós profeta e mestre numa Igreja que nascia e buscava caminhos. Foi companheiro e amigo. Seus horizontes eram abertos, sua inteligência - lúcida e profunda. De seu imenso coração, conhecemos os sonhos e as angústias. Aprendemos com ele novos jeitos de olhar e de caminhar.

Muitas pessoas, fora da Diocese, conheceram, amaram e admiraram suas grandes qualidades e a “dura luta entre o velho e o novo” que nele se travou. Zélia, sua mulher, Maria, sua irmã, e outros familiares seus saberão melhor que nós o segredo de sua vida. Mas uma palavra na mensagem de despedida à Diocese, em novembro de 1970, é bem significativa de suas atividades e motivações:

“Não deixo relatório de atividades pastorais. Deixo uma comunidade apenas convocada para viver. Deixo uma vírgula e não um ponto final no primeiro capítulo da história da Diocese.” Talvez tenha sido precisamente esse o carisma de Marcos Noronha ao longo dos anos: convocar para viver, provocar para caminhar. Ele tinha horror ao postiço, ao convencional, à repetição pura e simples de gestos esvaziados de sentido, aos preconceitos e rótulos, às fórmulas. Queria restituir ao Evangelho o chão das realidades nossas de cada dia. Deixou uma vírgula. Para a caminhada continuar, como continuou. Para outros capítulos se escreverem, como de fato continuam a ser escritos numa história que nos ultrapassa a todos.

Thereza Latgé

Marcos Noronha: um poeta e um santo! Ontem, hoje, amanhã e todos os dias, o Marcos será sempre - uma agradável lembrança e, também, uma saudade sentida, mesclada de dor e alegria, por todos aqueles que o conheceram ou dele ouviram dizer.

Agradável lembrança! Esta lembrança se torna “presença” nos sonhos, ainda acesos, de seus amigos de “lá” e de “cá”, que continuam a peleja por aquela sociedade alternativa propositada, há mais de dois mil anos por Jesus de Nazaré, a quem Marcos procurou fazer-se discípulo, servo e amigo.

Saudade mesclada de dor e alegria! Marcos foi pastor, professor, educador - filósofo. Mas, acima de tudo, foi o poeta “amigo de todos”. Como todo poeta ele sabia tocar lá no fundo d’alma de seus ouvintes. Dor e alegria: binômio Inseparável na vida nossa de cada dia, diria ele, quem sabe! Mas, na verdade a saudade que sentimos é doída sim! Pois, os poetas e os sonhadores “amigos de todos” estão sumidos, e cada vez mais raros! No seu lugar, quase sempre, se apresentam o grotesco e a superficialidade.

Mas, sobretudo, certamente alegria! A saudade que sentimos nos humaniza e nos santifica, já que nos dá ciência da profunda experiência de amor que vivenciamos. Esta saudade nos faz sonhar com a transformação deste mundo, embrutecido e amalucado, num mundo capaz de sinalizar o sorriso do Criador. Pois, lembrar saudosamente de Marcos Noronha significa pensar naquele homem que como poucos na simplicidade e no bom humor buscou ser tão somente humano e, do mesmo modo, ser tão somente discípulo de Jesus de Nazaré.

Talvez, muitos não o saibam... Mas, acreditamos: o Marcos foi um santo em nosso meio! Até breve Marcos. “Fiz o que pude, fiquei em terceiro...!”

Pe. José Augusto da Silva
Presbítero da Diocese de Guaxupé

Alguns livros escritos por Dom Marcos Antônio Noronha

1) “A igreja que nasce hoje”

A preocupação principal do livro é que a nova era da humanidade se volte de fato para a pessoa, para a vida humana. Ele exprime de fato a mentalidade vigorosa e atualizada da Igreja pós-conciliar.

2) “Consciência - Semente de Gente” (1975)

“Este livro quer ser em cada página e nos seus silêncios uma procura. Procura de entraves e condicionamentos pessoais e culturais para que, liberto, o homem possa viver plenamente.”

3) “Outono em Vertical”

É a história de uma grande busca. Uma nova forma de olhar o mundo. Outono é a fermentação do solo para que nas suas camadas profundas, a semente possa germinar, brotar com força.

4) “Ninguém João” (1976)

O autor diz que o dono do livro é o “povo de Deus”, que ele chamava de João. São aqueles que ajudam o povo a andar com consciência na busca do conhecimento de si próprio e do seu destino.

5) “Humor no Espelho” (1983)

O autor está a rir de si mesmo. É um jeito agradável de se ver e de os amigos se verem uns aos outros como realmente são: amigos de verdade. (Livros de casos dos padres-amigos da Diocese de Guaxupé).

6) “O Hoje na Rua do Povo” – Poesias (1977)

Em uma delas, CAMINHOS, ele diz:

...Não me importo
com passos inúteis
que sei inúteis
Eles acabavam dentro de uma caravana qualquer
Só não gosto é de andar infalivelmente
Como se houvesse
um caminho só... ..

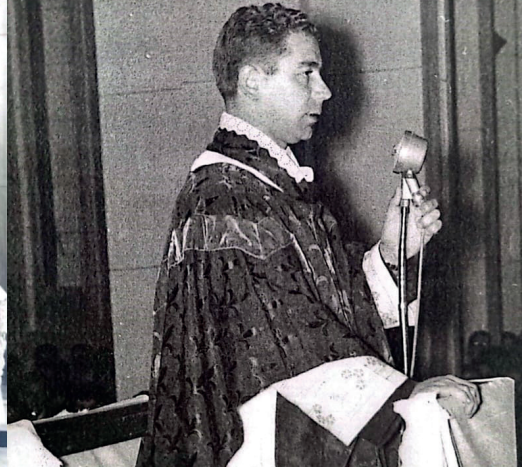
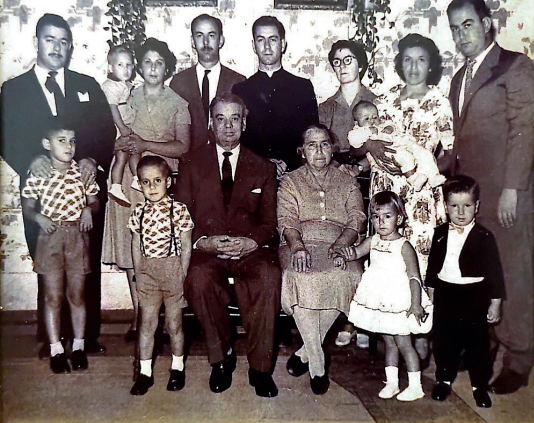
7) “Menina criada com mel”

Escrito após o Concílio Vaticano II, do qual ele participou na 3ª e última fase. São impressões e vivências durante o Concílio; e reflexão sobre a Igreja, “menina do campo” criada com mel silvestre, vivendo na simplicidade das estradas da Judeia e sua chegada a Roma vestida com pompa de rainha. Este livro foi editado pela VOZES com o nome mudado pela Editora: Marcos Noronha e a Igreja. (Marcos já havia falecido quando os originais foram enviados para a Editora.) E o mesmo livro que o Padre Abdala (inspirado em Therese Latgé) julgou mais apropriado “REBELDIA OU UTOPIA - Marcos Noronha e a Igreja”.

Marcos deixou escritos e uma infinidade de artigos, contos, reflexões...Era uma cabeça pensante e pulsante, produzindo sem parar textos que merecem ser divulgados, pois são escritos que não perdem sua atualidade.

Quando livro “Ninguém João” a Faculdade Federal de São João Del-Rei, Luís e Alcimara, professores, o transformaram em belíssima peça teatral, encenada na cidade, o que deixou o autor emocionado.







Centenário de Nascimento - 1924-2024

Dom Marcos Antônio Noronha

Primeiro Bispo da Diocese de Itabira-Coronel Fabriciano



